**AS RELAÇÕES DE TRABALHO NA MINERAÇÃO**

**AULA 04 - DE OLHO NO ENEM**

**Competência de área 4 - Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.**

H16- Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.

H18- Analisar diferentes processos de produção ou circulação de riquezas e suas implicações sócio-espaciais.

Com a descoberta das jazidas de metais preciosos nas regiões das Minas, um amontoado de pessoas livres e escravas vão se concentrar nessa região. O desenvolvimento da mineração ampliará a necessidade da mão-de-obra escrava, que será utilizada em diversos segmentos da produção aurífera. No entanto, percebemos que o escravo africano atuará principalmente em atividades que não estão diretamente ligadas a produção do ouro.

O trabalho no início da mineração, se dava na mineração de aluvial, tratava-se de recolher o ouro depositado nos leitos dos rios e córregos. Além de coletar o ouro, o trabalho escravo implicava remover areia, represar rios e cavar canais. Esses trabalhos eram executados em condições bastante precárias, o escravo passava o dia praticamente com as pernas dentre d´água, mal alimentados, e geralmente castigados.



Por volta de 1720, iniciou-se também a exploração das encostas dos morros e das galerias subterrâneas. Muitas vezes, fazia-se necessário empregar centenas de cativos para desviar cursos d´água, construir represas, levantar aquedutos, cavar galerias. Estima-se que a vida “útil” de um escravo minerador não passava sete a doze anos, dadas as duras condições de trabalho. As mortes eram causadas por doenças, como disenteria, malária, infecções pulmonares, ou mesmo por acidentes nas minas.

Contudo, em comparação ao escravo dos engenhos de açúcar, o trabalhador das minas tinha mais chance de mudar sua condição, seja através de fugas e adesões em quilombos, seja através da alforria, comprados pelos escravos que conseguiam enriquecer com a produção de ouro. Só para situar melhor o que isso significou, no ano de 1786, trabalhava nas minas uma população alforriada que equivalia 35% da totalidade negra. O aumento da taxa de libertos explica-se pelo fato de muitos escravos terem conseguido comprar a sua alforria com furto de ouro em pó e de pepitas ou por meio dos rendimentos da mineração clandestina que praticavam durante a noite ou nos dias de folga.

O florescimento na atividade mineradora engendra a necessidade de abastecimento dessa região, que será obrigada a se conectar com outras áreas da colônia. Como a região pecuarista nordestina que será fonte de alimentos, ou mesmo, os criadores de mulas e cavalos do sul, que garantiram os meios de transporte, e, outras regiões com a agricultura voltada para o mercado, forneceram alimentos de primeira necessidade para a manutenção da atividade aurífera nas Minas. Em todas essas atividades não se fez ausente o braço escravo.

Ao longo do século XVIII a capitania de Minas Gerais tornou-se o maior produtor de alimentos de primeira necessidade da América Portuguesa, primeiramente essa produção foi utilizada para manter a população local, e mais tarde, para abastecer outras regiões mais próximas. As culturas que se destacam na região das minas eram: o feijão, milho, arroz, mandioca, etc.

**TRABALHADORES LIVRES E LIBERTOS: OS HOMENS ESQUECIDOS**

Em todo o período colonial, as relações de trabalho não se resumiram a escravidão, embora esta fosse a relação majoritária na América portuguesa. No entanto, a presença de homens livres e libertos sempre se fizeram presente em todas as atividades econômicas desenvolvidas na colônia, na lavoura canavieira, na mineração, e na cafeicultura.

Em primeiro lugar, boa parte desses “homens esquecidos” estavam direta ou indiretamente ligados à escravidão na medida em que dividiam com os escravos a execução de alguns ofícios nos engenhos de cana-de-açúcar do Nordeste, na minas em Minas Gerais, ou nas fazendas de café na região Sudeste. Eram feitores, capitães-do-mato para manter a escravaria sob severa vigilância. Eram sobretudo, guardiões da ordem escravocrata no interior da sociedade brasileira.

Nos engenhos de açúcar nordestinos em seu apogeu XVI a diversidade de trabalho atingiu inevitavelmente os homens livres. Ou seja, nem tudo era somente escravidão; mas tudo estava inserido dentro de relações complexas que envolviam uma gama de trabalhadores livres nos diversos espaços de trabalho no canavial, no engenho de produção de açúcar, na casa grande e na senzala e na capela.

A mesma lógica precisamos seguir para a organização social e do trabalho no mundo dos mineradores na capitania de Minas Gerais. Mais uma vez, o trabalho dos negros escravos apresentava-se como fundamental no mundo do trabalho na sociedade mineradora, porém diversos ofícios e ocupações eram também desempenhados pelos trabalhadores livres, que atuavam em áreas diversas: eram membros da burocracia colonial, eram comerciantes, mineradores, contratadores, fiscais, quintadores, etc. A grande maioria se destacava nos espaços de garimpos: os garimpeiros, contrabandistas, tropeiros, arrendatários, mascates, artesões, pequenos roceiros, etc.

**A ARQUITETURA DAS CIDADES NA MINERAÇÃO**

Em oposição á civilização do nordeste, a civilização das Minas Gerais foi uma civiliza­ção urbana. Onde proliferaram as profissões liberais e vários tipos de ofícios: sapateiros, alfaiates, ferreiros, pintores, entalhadores, músicos, joalheiros, barbeiros, boticários, mercadores, taberneiro, estalajadeiros, advo­gados, médicos, padres, militares, funcioná­rios públicos, tropeiros, etc. O ouro prendeu os homens às zonas auríferas. E como estes, em sua impaciência de enriquecer, não ti­nham tempo para plantar roças, nem nelas queriam ocupar escravos, tais cidades trans­formavam-se em centros comerciais. Mesmo assim, a fome ameaçava muitas vezes a po­pulação. A vida era muito cara, o ouro passa­va das mãos dos mineradores para as dos comerciantes.

Fachada das igrejas de São Francisco de Assis em Ouro Preto e em São João del Rei. Os projetos dessas igrejas foram concebidos pelo artista mineiro Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

Cidades de mercadores e cidades de funcionários também. Era preciso vigiar os brancos e os negros para impedir o contra­bando, obrigar ao pagamento dos impostos, administrar as cidades. Enquanto raras cida­des do nordeste, que eram, sobretudo portos, desenvolviam-se ao sabor do terreno, sem nenhum plano preestabelecido, na mineração acontecia o contrário: há um esforço de urba­nização. A tarefa nem sempre foi fácil, e cer­tas cidades, como Ouro Preto, despencam dos flancos abruptos da montanha. Mas os regulamentos impunham determinada largura de ruas, determinada altura de casas, deter­minada higiene dos habitantes. Pontes eram lançadas sobre os rios. Cada bairro tinha seu chafariz, esculpido muitas vezes, ornamenta­do de provérbios latinos, em que os negros iam todos os dias buscar água para os senho­res. As cidades de Minas Gerais: Sabará, Ou­ro Preto, Mariana, São João Del Rei, são ain­da cidades cheias de chafarizes, em que an­jos rubicundos despejam a frescura líquida nas grandes bacias de pedra, em que delfins retorcidos ornamentam os tanques, em que a água canta docemente.

Sociologicamente, na Europa, a arte barroca liga-se ao absolutismo em sua forma dupla, real e pontifical. O barroco seria uma demonstração de poder. Versailles, São Pe­dro de Roma. No Brasil do nordeste, não en­contramos este caráter do barroco. O único poder que queria triunfante era o de Deus, não o do homem. No Brasil das minas, ao contrário, este aspecto do absolutismo reapa­rece. Os dois pontos centrais da cidade são o palácio do governador ou do representante da metrópole e a prisão; muitas vezes ambos se localizam no mesmo edifício, o rés-do-chão servindo de prisão, enquanto pelos andares superiores se dividem os escritórios da admi­nistração provincial. Escadarias importantes, frontões decorados, altas janelas entre pila­res, portas pesadas, tudo era construído para impor aos turbulentos habitantes da província a imagem do poder português, longínquo mas ainda assim presente, justo talvez, mas tam­bém severo. E eis que os portugueses enri­quecidos querem, por sua vez, rivalizar com tanto luxo principesco: as casas ornam-se de estátuas e guinadas de pedra, de balcões rendilhados e de belas fileiras de janelas si­métricas.

Ao lado destes dois poderes, o do rei e o do ouro, um terceiro se desenvolve com a urbanização, o poder da classe média, for­mada pelos artesãos, os profissionais liberais, os pequenos funcionários, etc.; mas, carente de dinheiro, esta classe não pode manifestar sua força através da arquitetura, no conflito dos monumentos, dos ornamentos, da exube­rância barroca. Assim, o barroco de Minas torna-se também a expressão da luta entre os homens em busca de prestígio e poder, onde a formação das confrarias religiosas - Ordem Terceira de São Francisco, do Carmo, dos mulatos, dos negros crioulos, dos negros afri­canos bárbaros, em lugar de representar uma família espiritual ou uma certa concep­ção da vida religiosa, exprime uma classe social. E entre essas classes a luta é árdua. A ornamentação, a riqueza da decoração, o esplendor dos altares, são símbolos, não de maior intensidade da fé, mas de uma posição social mais ou menos expressiva.

As confrarias dos brancos recusam-se terminantemente a admitir homens de cor em seu seio e nada se compara em pitoresco à disputa que se travou entre a Ordem Terceira de São Francisco e a confraria mulata do Cordão de São Francisco. Para mostrar sua ascensão social e sua integração na socieda­de brasileira, os mestiços não tinham achado nada melhor do que inventar esta sociedade, aparentemente modesta, dos piedosos fiéis do Cordão de São Francisco; a tal titulo, pe­diam admissão na Igreja mais aristocrática e mais fechada de Vila Rica. A disputa, levada ao tribunal do bispo do Rio de Janeiro, teve defensores de ambos os partidos, durou mui­to tempo para se decidir, e terminou dando ganho de causa aos mestiços.

Mas as confrarias de mulatos, por sua vez, recusavam-se a admitir negros; os ne­gros crioulos, orgulhosos de sua assimilação á civilização brasileira, não queriam saber dos africanos recém-chegados. E sempre cada confraria pretendia eclipsar a rival.

**BATERIA DE EXERCICOS**

**1.** [...] torna-se claro quem descobriu a África no Brasil, muito antes dos europeus, eram os únicos "africanos" [...] trazidos como escravos. E esta descoberta não se restringe apenas ao reino linguístico; estende-se também a outras áreas culturais, inclusive à religião. [...] há razões para pensar que representa esses povos, quando misturados e transportados para o Brasil, não desmoronam em perceber a existência, entre si, de elos culturais mais profundos.

SLENES, Robert W. “Malungu, ngoma vem!”: África coberta e descoberta do Brasil. *Revista USP* . São Paulo, n. 12. p. 49, jan.-fev. 1992. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br>. Acesso em: 1o abr. 2016.

O fragmento apresentado enfatizou que uma das consequências internas da escravidão no Brasil foi um

a) percepção de uma identidade africana.

b) aculturação dos povos escravizados.

c) resistência militar dos quilombolas.

d) acentuação do preconceito racial.

e) existência de rivalidades étnicas.

**2.** Onde houve escravidão, no Brasil colônia, no século XVII, houve resistência. E de vários tipos. Mesmo sob ameaça de chicote, o escravo negocia espaços de autonomias com senhores ou usa corpo de trabalho, quebra-ferramentas, incendiava plantações, agredia senhores e monitores. Rebelava-se individual e coletivamente. Aqui está uma lista grande e conhecida. Havia, no entanto, um tipo de resistência que poderia caracterizar como a mais típica da escravidão - uma fuga.

Adaptado de: SCHIMIDT, Mário. *Nova História Crítica* . São Paulo: Nova Geração, 2005. p. 207

Sobre o texto podemos inferir que

a) no Brasil, o curto período de escravidão não deixou sinais de resistência por parte dos cativos africanos e indígenas.

b) os escravos negros não pensam em fugir das agendas porque eram bem usados ​​com boa alimentação e acomodações confortáveis ​​para descanso.

c) os africanos trazidos para o Brasil nos navios negadores aceitam pacificamente uma situação de escravos, pois era comum essa prática em sua terra natal.

d) uma igreja católica, no período do Brasil Colônia, catequizava os escravos africanos fazendo com que aceitassem a escravidão como sendo a vontade de Deus, evitando assim uma rebelião.

e) uma das formas de resistência executadas por escravos no Brasil Colônia foram os quilombos, formados por escravos fugidos que se organizam em vilas e produzem sua alimentação.

**3.**"[...] assistência no final do século XVII, após uma descoberta de minas, não uma nova configuração de vila nem ruptura brusca com padrão anterior, ao contrário, para manutenção de todo um processo de expansão econômica, mercantilização e uma articulação com o núcleo minerador dinamizará este quadro, mas não será, de alguma forma, responsável por sua presença. "

BLAJ, Ilana. *A trama das tensões* . São Paulo: Humanitas, 2002, p.125.

Como transformações citadas no texto se relacionam ao processo de economia da mineradora no Brasil, dentre as quais se incluem

a) o reforço do caráter litorâneo da colonização portuguesa em função do apogeu da cana de açúcar e da pesquisa pau-brasil.

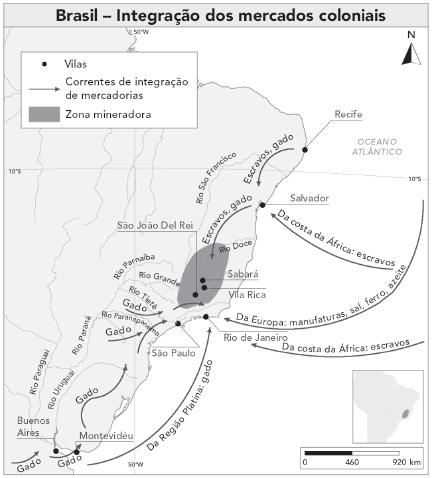
b) o enfraquecimento do trabalho escravo na Região Sudeste em função da rápida mobilidade social na região.

c) a intensificação do comércio e da vida urbana, e a articulação de um mercado interno tendo como foco o Centro-Sul.

d) existe um perfil demográfico da região de mineração em função das várias leis impostas pelo Estado português.

e) a manutenção da Zona da Mata Nordestina como centro de economia dinâmica devido às suas políticas com a região de minas.

**4.**



PRADO JUNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil* . São Paulo: Brasiliense, 2006.

Uma análise do mapa permite concluir que, durante uma mineração,

a) foram construídas ferrovias para interligar como regiões produtoras.

b) desenvolveu-se um mercado interno para abastecer uma região mineradora.

c) foi estabelecido ou sistema de porto único, similar às colônias espanholas.

d) incentive a entrada de platôs de imigrantes para servir a mão de obra nas minas.

e) foi criada uma malha rodoviária ligando como regiões produtoras da capital da colônia.

**5.**



Reprodução

[...]  
E VEM D. Pedro Amaral  
Com o Seu feitor  
[...]  
São Dois pra bater sem negro  
de Pau chicote e facão  
Pra se safar TEM o negro  
Só Dois Pés e Duas Mãos  
[...]  
Me Acuda aqui seu feitor  
Que esta negra me esfola  
Está quase me matando  
na brincadeira de Angola.

Brincadeira de Angola, de Sérgio Ricardo, no disco *A Grande Música* .

O texto revela elementos da resistência negra no Brasil colonial que estão presentes na cultura afro-brasileira. Sobre esta, podemos indicar que

a) uma cultura afro-brasileira distanciou-se de uma política de uso, já que a sociedade brasileira contemporânea admite uma raça racial.

b) uma cultura afro-brasileira evidenciada no fragmento demonstra um negro comprometido com o modelo produtivo colonial.

c) uma cultura afro-brasileira é sinônimo de heterogeneidade por aproximadamente as diferentes tendências culturais de resistência ao modelo branco explorador.

d) uma cultura afro-brasileira tem uma amplitude que conquista outros países e continentes, por seus valores emotivos consagrados ou africanos como um povo pacífico.

e) uma cultura afro-brasileira, representada pela expressão “brincadeira de Angola”, revela uma capoeira como um valor de resistência negra-escrava e identidade cultural.

**GABARITO:**

1. A
2. E
3. C
4. B
5. E